

Bracher sonda americanos

WASHINGTON — Dois dos principais negociadores da dívida externa brasileira, Fernando Bracher e Antonio de Pádua Seixas, passaram a tarde de ontem no Departamento do Tesouro discutindo detalhes das propostas do Brasil e sondando a reação do governo americano em relação a elas. “Viemos dizer quais são nossas idéias, quais são nossas intenções. Eles ouviram agradavelmente o que viemos dizer. Foi uma boa prosa”, disse Bracher ao sair.

Hoje cedo, já em Nova Iorque, os dois negociadores encontram-se com a comissão de 14 bancos que representam mais de 600 credores estrangeiros do Brasil para continuar a discussão sobre o reescalonamento da dívida externa brasileira. Bracher afirmou que nessa reunião o Brasil continuará tentando buscar aceitação dos bancos para a proposta apresentada pelo presidente do Banco Central em 25 de setembro passado. Desde então, os bancos apresentaram os princípios que, segundo eles, deverão orientar as negociações. “Verificamos que há bases suficientes para conversar e vamos começar a fazê-lo agora”, disse Bracher.

O negociador brasileiro declarou que está preparado para continuar suas discussões “enquanto tiver a impressão de que estamos conseguindo avanços”. Ele calculou que poderia ficar uma ou mais semanas em Nova

Iorque, com viagens curtas a Washington a fim de consultar autoridades americanas. O Departamento do Tesouro desempenhou papel importante em todos os ciclos anteriores de negociações da dívida, servindo como intermediário a fim de quebrar impasses criados por rigidez tanto de credores quanto de devedores.

Bracher afirmou que a questão do pagamento simbólico de juros solicitado pelos bancos sequer fora mencionado em sua conversa no Departamento do Tesouro, embora seu principal interlocutor, David Mulford, tivesse manifestado preocupação com a duração da moratória brasileira, que começou em fins de fevereiro passado. Bracher também informou que “o Tesouro não está referendando a proposta brasileira”.

Embora manifeste disposição de continuar conversando em Nova Iorque pelos próximos dias, o negociador brasileiro esclareceu que não espera um acordo antes do fim do mês. “No máximo vamos aproximar mais nossas posições”, disse ele, acrescentando que o governo Sarney deseja concluir as negociações o mais cedo possível, antes mesmo do fim do ano.

Bracher também disse que “como só apresentamos uma proposta e não um *dictat*, certamente o acordo final será uma solução de compromisso entre os bancos e nosso governo”. (RG)